



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA Dra. Flor Marlene Lopes
ARÉA: Microsérie

**“Hoje é dia de Maria”
Inovação e intertextualidade na linguagem televisiva.**

Nadine Helena Diel de Souza
2053440/4

Brasília, Outubro de 2007.

Nadine Helena Diel de Souza

**“Hoje é dia de Maria”
Inovação e a intertextualidade na linguagem televisiva.**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dra. Flor Marlene Lopes

Brasília, Outubro de 2007

Nadine Helena Diel de Souza

“Hoje é dia de Maria”
Inovação e a intertextualidade na linguagem televisiva.

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Flor Marlene Lopes
Orientadora

Prof. Máira Carvalho
Examinador

Prof. Dra. Tânia Montoro
Examinador

Brasília, Outubro de 2007

Agradecimentos

Aos meus pais,
aos muitos sacrifícios que fizeram por mim
e o amor que sempre me dedicaram.

Ao meu irmão,
pelas horas de sono ruins
enquanto eu ficava em seu quarto fazendo trabalhos.

Ao meu amigo e companheiro Rafael Lobo
que me incentivou e apoiou.

Aos amigos,
parceiros de todas as horas.

À professora Flor Marlene,
que iluminou meu caminho,
clareando minhas idéias.

Ao artista que me inspirou Luiz Fernando Carvalho,
sem o seu brilhantismo e sua genialidade
nada disso seria possível.

À toda equipe de “Hoje é dia de Maria”.
pelo divino trabalho e a grande colaboração
à cultura brasileira.

À infância.

Aos sonhos.

“É pelos sonhos que vamos”

Tim Rescala/ Luiz Alberto de Abreu/ Luiz Fernando Carvalho

RESUMO

A microssérie “Hoje é dia de Maria” foi um marco na história ficcional televisiva. Ao utilizar diferentes tipos de narrativa, o autor Luiz Fernando Carvalho consegue inovar a linguagem televisiva, criando uma intertextualidade entre cultura popular, contos universais, música, figurino, cenário, linguagem verbal, linguagem visual, etc. Este ensaio é um trabalho de caráter analítico, com objetivo de estudar a microssérie “Hoje é dia de Maria” sem a intenção de esgotar ou aprofundar demasiadamente o tema, pois a complexidade da microssérie promove campo para outros diferentes aspectos que deverão ser estudados posteriormente.

Palavras-chave: **Microssérie, Hoje é dia de Maria, Linguagem televisiva, Intertextualidade.**

Lista de Ilustrações

- FIGURA 1- MARIA, 12
- FIGURA 2 – ASMODEU E SUAS VÁRIAS FACES, 14
- FIGURA 3 – MARIA CRESCIDA E AMADO, 14
- FIGURA 4 – MARIA E O GIGANTE, 15
- FIGURA 5 – MARIA E DOM CHICO CHICOTE, 15
- FIGURA 6 – ANOTAÇÕES DO DIRETOR, 16
- FIGURA 7 – CAVALHEIRO VENCENDO ASMODEU, 17
- FIGURA 8 – EXECUTIVOS, 19
- FIGURA 9 – RETIRANTES, 19
- FIGURA 10 – SOLDADOS DA GUERRA, 19
- FIGURA 11 – PERSONAGENS DA MICROSSÉRIE “A PEDRA DO REINO”, 22
- FIGURA 12 – FIGURINO DE PAPEL, 25
- FIGURA 13 – CINDERELA PERDE O SAPATO – DISNEY, 29
- FIGURA 14 – PRÍNCIPE ACHA O SAPATO DE MARIA, 29
- FIGURA 15 – MARIA É RESSUSSITADA PELO PAI, 30
- FIGURA 16 – ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS – LEWIS CARROLL, 30
- FIGURA 17 – MARIA DOENTE, 31
- FIGURA 18 – “CHAVINHA” DE MARIA, 31
- FIGURA 19 – ÍNDIOS XAVANTE, 34
- FIGURA 20 – UMBIGADA PAULISTA, 34

Sumário

Introdução.....	9
Justificativa.....	10
Metodologia.....	11
Capítulo 01	
Era uma vez uma idéia.	12
A primeira jornada	12
A segunda jornada	15
Capítulo 02	
Realidade x Ficção	18
Capítulo 03	
A inovação na linguagem televisiva.....	20
O “Domo”	23
A música.....	24
O figurino	25
Capítulo 04	
As referências.....	27
Gêneros literários	27
A mitologia e as narrativas maravilhosas.....	28
Os contos brasileiros	32
A Cultura Popular	33
A linguagem verbal	35
A intertextualidade	36
Capítulo 05	
Considerações finais	38
Referências Bibliográficas	40

Introdução

“Hoje é dia de Maria” pode ser considerado um marco na televisão brasileira.

Utilizando-se da intertextualidade discursiva em diversos tipos de narrativas, Luiz Fernando Carvalho criou uma verdadeira obra-prima. Reuniu todas as condições para inovar a linguagem televisiva utilizada nos dias atuais.

Carvalho mergulha nos contos universais e cria uma simbiose entre o popular e o erudito, utilizando as novas tecnologias. Criou um misto homogêneo entre teatro, circo, folclore, literatura, música, artes visuais, animação stopmotion, etc.

Este ensaio tem por finalidade explorar alguns pontos trabalhados nessa obra, realizando um breve estudo sobre alguns dos campos da ficção e da literatura utilizadas pelo autor para a criação da microssérie.

No primeiro capítulo, a história de Maria é apresentada através de um resumo de cada jornada vivida pela menina.

No segundo capítulo, é traçado um paralelo entre a minissérie e a realidade brasileira.

No terceiro capítulo, explora-se a linguagem televisiva e alguns dos diferenciais que “Hoje é dia de Maria” apresentou. Tais como: o estúdio onde foi gravada, os figurinos e a elaboração da música.

No quarto capítulo, destacam-se alguns dos referenciais utilizados por Luiz Fernando Carvalho para a criação da microssérie.

Finalmente, no quinto e último capítulo, o trabalho é concluído com algumas considerações as formas de inovação e intertextualidade apresentadas na produção.

Justificativa

Hoje é dia de Maria não é uma obra que se costuma ver na TV. A microssérie é original e sensível. Ela se diferencia dos padrões televisivos da cultura globalizada, extrapolando o código normativo das narrativas ficcionais e estimulando o exercício da experiência lúdica e criativa. Consegue articular o erudito e o popular, criando uma simbiose que agrega a poética das artes tecnológicas e elabora uma temporalidade distinta da televisão comercial, caracterizada pela aceleração e velocidade.

A produção foi um marco na história ficcional televisual, trazendo um novo estilo de representação para a TV, mostrando com ousadia e beleza um mergulho na cultura popular universal e erudita.

Por ser muito recente, ainda não se conhecem estudos aprofundados sobre o trabalho de Luiz Fernando Carvalho. Esse foi um dos fatores que despertaram interesse no assunto.

Além disso, a linguagem apresentada é atual, o que prova a existência de “uma nova mentalidade com relação à televisão surgindo” (Arlindo Machado, 2000). Uma tentativa de se reinventar a arte negligenciada que é a linguagem televisiva.

Devido aos fatos acima e ao encanto e a paixão que a obra desperta, a proposta deste trabalho é estudar e analisar a nova forma de linguagem televisiva apresentada por “Hoje é dia de Maria”.

Este estudo busca aplicar os conhecimentos obtidos durante o curso de Comunicação Social e aprofundá-los na linguagem da dramaturgia televisiva, um produto diferenciado dos formatos ficcionais da TV, que apesar de ser significativamente mais seletivo, não deixa de ser uma forma de comunicação de massa.

Metodologia

Para a realização buscou-se fontes bibliográficas que permitissem efetuar a proposta. Além disso, a microssérie foi assistida diversas vezes. As pesquisas bibliográficas e documentais foram imprescindíveis para elaboração do estudo do tipo interdisciplinar. De acordo com Lakatos define-se pesquisa bibliográfica por:

“A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista “o esforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”(Trujillo, 1974:230). A bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos como também novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (Manzo, 1971:32). (LAKATOS, 1992).

A bibliografia estudada foi importante para o crescimento e desenvolvimento do trabalho. Os temas explorados explorados foram:

- Linguagem televisiva
- Gêneros narrativos e literários
- Contos de Câmara Cascudo e Silvio Romero Além de livros, foram estudadas teses, artigos e reportagens.

Este ensaio é um trabalho de carácter analítico, com objetivo de estudar “Hoje é dia de Maria” sem a intenção de se esgotar ou aprofundar demasiadamente o tema, pois a complexidade da microssérie promove campo para outros diferentes aspectos que deverão ser aprofundados em outras oportunidades.

Capítulo 01

Era uma vez uma idéia.

A idéia para a microssérie surgiu quando Luiz Fernando Carvalho teve contato com os contos populares de Câmara Cascudo e Silvio Romero.

“O valor do conto não é apenas emocional e delicioso, é uma viagem de retorno ao país da infância”. (CASCUDO 2000: 11).

Na seqüência, o autor se envolveu com os quadros de Portinari e as cirandas de Villa-Lobos que trouxeram outras referências como Velázquez e Bach.

O responsável por unir tudo isso foi o dramaturgo santista Carlos Alberto Soffredini (1939 - 2001). No entanto, na época (1995), a produção foi considerada cara e foi engavetada. Anos depois, Carvalho resolveu reaver a história de Soffredini e chamou o dramaturgo Luiz Alberto de Abreu para reescrevê-lo.

A primeira jornada



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 1- MARIA

Projetada para um especial de final de ano, “Hoje é dia de Maria” foi transformada em uma microssérie composta de duas jornadas, contendo oito e cinco episódios respectivamente.

A primeira jornada foi veiculada de terça a sexta no horário de 22h30min, entre 11 e 21 de janeiro de 2005, conta a história de Maria, uma menina que tenta sobreviver as agruras da vida. A morte da mãe fez o pai se entregar à bebida e abandonar a lavoura. A seca terminou de destruir a plantação. Sem trabalho, os irmãos de Maria vão para a cidade atrás de emprego. Restam apenas a menina Maria e seu pai numa terra devastada.

A microssérie começa com Maria brincando no balanço enquanto entoava a cantiga de roda criada por Villa-Lobos: “que lindos olhos, que lindos olhos têm você...”. A menina nos remete ao tempo da infância, o que denominamos no aspecto mítico de “campos inaugurais”. Porém, a beleza da infância logo dá lugar a um cenário sombrio. O pai de Maria está a sua procura para violentá-la. Este é apenas o início das desventuras da menina. Análogo à Fábula “Cinderela”, o pai de Maria se casa com uma viúva que vivia na vizinhança. A madrasta trata a menina como uma escrava. A partir daí, tem início a saga de Maria.

Cansada de ser maltratada, a menina foge de casa e vai em busca das “beiradas do mar”. Entretanto, Maria não é a única a seguir viagem. O pai arrependido vai atrás da filha. E, em seguida a madrasta e sua filha, Joaquina, pegam estrada imaginando que Maria e seu pai estão em busca de um tesouro.

Em suas andanças, Maria encontra arquétipos como o maltrapilho, as crianças carvoeiras e os retirantes. À todos, Maria oferece a sua solidariedade e em troca recebe o apoio para continuar sua caminhada.

A protagonista também se depara com Asmodeu em suas diversas faces, que sempre tenta atrapalhar a caminhada. Segundo F. Nogueira (2002) o satã é, por conseguinte, a causa de todos os tormentos que são enviados ao servo de Deus. (...) Gradualmente, Satã passa de acusador a tentador, tornando-se o diabo. Apesar de muitas tentativas, ele quase sempre falha. A primeira maldade que consegue fazer contra Maria é lhe roubar a infância.



<http://hojeediademariatemporada1.globo.com>
FIGURA 2 – ASMODEU E SUAS VÁRIAS FACES

Maria, crescida, conhece o amor com o homem-pássaro Amado. Mas, os dois vivem a sina de só poderem se amar à noite, pois, durante o dia, Amado volta a ser pássaro.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.
FIGURA 3 – MARIA CRESCIDA E AMADO

Para separar Maria de seu amor, Asmodeu volta o tempo, transformando-a em criança novamente. Mas ele exagera e transporta Maria para o tempo em que sua mãe ainda era viva. Ao chegar em casa, a menina não acredita quando reencontra a família.

A segunda jornada



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 4 – MARIA E O GIGANTE

Na segunda jornada, veiculada entre os dias 11 e 17 de outubro, Maria está novamente perdida, mas agora as andanças da menina resumem-se numa tentativa de voltar para casa. Porém, ao ser engolida por um gigante, ela vai parar na cidade grande, perto das “franjas do mar”.

Para Luiz Fernando Carvalho, a idéia do gigante está ligada com uma sociedade estagnada, hegemônica, dominadora.

Passando fome e frio, a menina é tirada da rua por Cartola (uma versão de Asmodeu na cidade), que se finge de bonzinho, visando explorar-la em seu bordel.

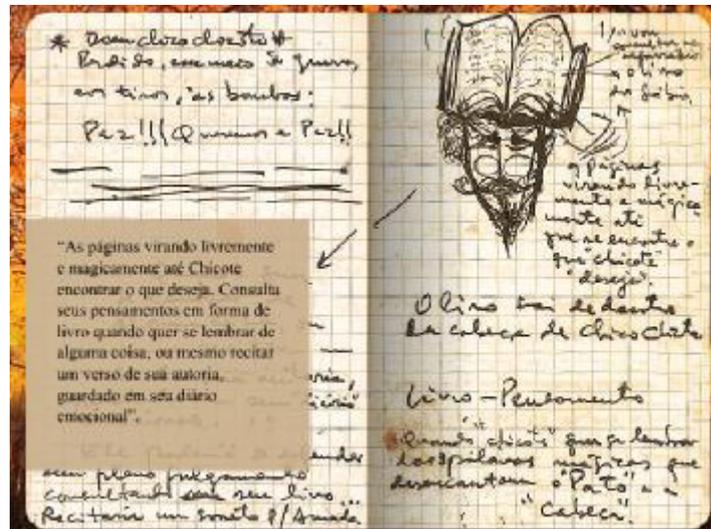


<http://hojeediademariatemporada2.globo.com>

FIGURA 5 – MARIA E DOM CHICO CHICOTE

Ao fugir do bordel, Maria encontra Dom Chico Chicote que se torna seu amigo e protetor. Juntos, eles enfrentam muitos problemas na cidade grande. Em função da guerra e da conseqüente devastação, são obrigados a abandonar o lugar.

Dom Chico Chicote é inspirado em heróis medievais como Joana D'Arc e Dom Quixote. Os pensamentos do protetor de Maria são articulados como páginas de livros.



<http://hojeediademariatemporada1.globo.com>
FIGURA 6 – ANOTAÇÕES DO DIRETOR

A guerra traz muita destruição para a cidade, devastando-a por completo. Durante as filmagens, os cenários foram realmente destruídos, gerando comoção na equipe da produção.

Após Maria e Dom Chico Chicote saírem da cidade, a história é intercalada com outros fatos. Maria está de cama, ardendo em febre. A saga da menina se transforma na luta imaginária pela sobrevivência. Ela e seu fiel companheiro se deparam com três cavalheiros e cada um lhes concede um desejo. Um dos desejos almejava que Dom Chico voasse. E ele voou, mas voou tão alto que não conseguiu mais voltar e, de repente, ele caiu e desfaleceu, sonhando com a sua Rosicler.

Maria fica sozinha novamente e mais uma vez precisa enfrentar as provas que a vida lhe apresenta. A última provação foi a de enfrentar Asmodeu, o diabo que lhe tentava desde a primeira jornada. Com o último desejo, Maria vence Asmodeu e ele se transforma num andorlho cheio de pássaros a sua volta, lembrando São Francisco de Assis, padroeiro dos animais.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 7 – CAVALHEIRO VENCENDO ASMODEU

Este foi o último momento de Maria em seu “país das maravilhas”. A história é retomada num casebre, onde o pai e a avó lutam para salvá-la.

Capítulo 02

Realidade x Ficção

Segundo Luiz Fernando Carvalho, a História de Maria é uma história antiga contada de uma nova maneira. Uma tentativa de trabalhar no espaço misterioso da infância. Um jogo que existe a realidade e o imaginário.

A representação ficcional da narrativa revela a trajetória do ser na busca do auto-conhecimento, juntamente com a procura do mundo social e cósmico da realização amorosa entre Maria adulta e o homem-pássaro Amado.

Não fica claro na primeira jornada se a epopéia de Maria é real ou apenas um sonho. A narrativa de Maria se mostra polissêmica, pois apresenta várias possibilidades de interpretação.

Apesar da polissemia, “Hoje é dia de Maria” consegue articular a ficção com a realidade, questionando a realidade econômica, política e social do sertão do Brasil. Para isso, Carvalho fez uso de diferentes personagens: os meninos carvoeiros, que perderam sua sombra para Asmodeu e dão obrigados a trabalhar como escravos; os retirantes, que, assim como Maria foram em busca de uma vida melhor nas “franjas do mar”, mas se perdem no sertão; o mendigo; os executivos que espancam o corpo de um homem morto endividado; o maltrapilho que vende a sombra por um sanduíche e os saltimbancos que viajam pelo sertão oferecendo a alegria.

Asmodeu, o diabo da microssérie rouba as sombra das pessoas. As sombras fazem referência à alma. Pois, para F. Nogueira (2002) o diabo vive tramando a ruptura de fidelidade ao Senhor, pondo a perder seus corpos e almas.

O diretor também faz uma crítica à violência doméstica, à exploração do trabalho infantil, ao êxodo escolar, à exploração sexual de menores e à exploração dos pobres pela demagogia dos políticos.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 8 – EXECUTIVOS

FIGURA 9 – RETIRANTES

Na segunda jornada, o autor questiona os problemas da cidade e a guerra através dos personagens: Dom Chico Chicote, amigo e protetor de Maria, que ganha a vida nos sinais de trânsito; o motoboy que leva comida para Dom Chico; Cartola (uma das versões de Asmodeu), o dono do bordel onde Maria foi trabalhar; a cigana; o marinheiro americano (outra versão de Asmodeu) que tenta fazer Maria pular no mar do esquecimento; os soldados da guerra; e, o soldado desertor.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 10 – SOLDADOS DA GUERRA

Os problemas questionados na segunda jornada são novamente a exploração do trabalho infantil e a exclusão social. Além disso, o autor explora novas problemáticas como a invisibilidade dos menos favorecidos e a destruição e as mortes trazidas pela guerra.

Capítulo 03

A inovação na linguagem televisiva

Televisão é o resultado de um complexo processo de evolução e entrelaçamento entre os campos da tecnologia, das comunicações e das artes (BALOGH 2002:23). Dessa forma, pode-se dizer que a linguagem televisiva também procede desse cruzamento de áreas. Para Ana Maria Balogh (2002:24) linguagem televisiva é:

“Uma mescla de conquistas prévias no campo da literatura, das artes plásticas, do rádio, do folhetim, do cinema acrescentadas com as inovações técnicas e expressivas como as propostas da linguagem publicitária, dos vídeos-clipe e da computação gráfica”.

No entanto, nem sempre tudo se assiste na televisão é assim traduzido. Para Arlindo Machado (2000:20) há um problema sério de repertório na televisão. Porém, o autor também afirma que estão havendo mudanças nesse repertório:

“É tempo, pois, de promover uma mirada retrospectiva e tentar redescobrir essa arte negligenciada. É tempo de resgatar a inteligência, a criatividade, o espírito crítico e tudo isso que tem ficado reprimido na maioria das abordagens tradicionais (...)”.

Hoje é dia de Maria é uma prova dessa mudança. A trama poética se faz por intermédio de uma junção criativa de textos retirados de outras obras, gêneros musicais, cantorias populares, teatro mambembe, teatro de bonecos, produções plásticas e outra infinidade de formas, construindo uma narrativa moderna que atende às necessidades citadas por Machado, criando assim, uma produção inédita e de qualidade.

Geoff Mulgan (1990: 4-32) enumera sete acepções da palavra “qualidade”:

1. Conceito puramente técnico: capacidade de se usar bem os recursos do meio. Roteiro coerente, boa fotografia, cenografia e indumentária convincente, boa interpretação dos atores, etc.

2. Capacidade de detectar demandas de audiência ou demandas da sociedade e transforma-las em produto.
3. Competência para explorar os recursos de linguagem numa direção inovadora como requer a abordagem estética.
4. Privilegiar os aspectos pedagógicos e valores morais, os modelos edificantes e construtivos de conduta que a televisão está apta a promover.
5. Poder gerar mobilização, participação e comoção nacional em temas de interesse coletivo.
6. Programas e fluxos televisuais que valorizem as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos, em vez de a integração nacional e o estímulo ao consumo.
7. Ou então a qualidade pode estar na diversidade, o que significa dizer que a melhor televisão seria aquela que abrisse oportunidades para o mais amplo leque de experiências diferenciadas.

Enfim, entende-se que uma produção de qualidade deve equacionar uma grande variedade de valores e predicados.

Ao se analisar a microssérie, considerando as acepções de Mulgan, conclui-se que “Hoje é dia de Maria” atende plenamente ao conceito de um produto de qualidade.

Ela possui excelência técnica. Afinal, seus figurinos, cenografia, fotografia, musicas, interpretação e, principalmente, roteiro foram construídos baseados em profunda pesquisa, os fazendo interagir entre si, contribuindo para a narrativa.

Apesar do formato televisivo microssérie não exigir altos níveis de audiência, “Hoje é dia de Maria” supriu a necessidade de se ver mais cultura na televisão e inovação na linguagem. Dessa forma, a microssérie abriu caminho para uma série de outros produtos audiovisuais. Um exemplo disso foi a veiculação, em 2007, da microssérie “A Pedra do Reino”, adaptação do livro homônimo de Ariano Suassuna. Além de linguagens semelhantes, “A Pedra do Reino” e “Hoje é dia de Maria” possuem em comum o idealizador e diretor Luiz Fernando Carvalho.



<http://quadrante.globo.com/>

FIGURA 11 – PERSONAGENS DA MICROSSÉRIE “A PEDRA DO REINO”

Além de um grande conteúdo cultural como contos, cultura popular e arte, “Hoje é dia de Maria” trás um forte repertório moral. Por ser baseado em muitos contos populares, a microssérie é educativa, trazendo valores construtivos para a conduta do ser humano. “Hoje é dia de Maria” também é uma crítica a diversos problemas universais como a exclusão social, a fome e a exploração de menores. Mostrando através dos personagens pessoas a margem da sociedade.

Com isso, entende-se que a microssérie exala uma cultura culta apesar de ser transmitida em um veículo de massa.

Segundo Balogh, a oposição entre a cultura culta e a cultura de massa pressupõe varias outras. A cultura culta valoriza o produto único, pressupondo um espectador que espera estruturas que rompem as expectativas, ou seja, alguém que tenha prazer com a novidade. Já a cultura de massa, optando por estruturas reiterativas, tem o caráter de seriar os seus produtos, pressupondo que o espectador encontra prazer no reconhecimento de uma linguagem que já faz parte do seu repertório.

A história de Maria foi contada de forma seriada e trouxe muitas referências conhecidas pelos espectadores, entretanto, não se pode afirmar que faz parte da cultura de massa. Afinal, a microssérie possui uma estrutura complexa e cheia de novidades, estabelecendo um sincretismo entre a televisão e outras linguagens tais como o teatro, as animações audiovisuais, o design de moda e as artes plásticas.

O “Domo”

“Hoje é dia de Maria” possui características teatrais. A microssérie não foi gravada em um estúdio convencional de TV. Para a sua realização foi erguida uma grande tenda em forma de oca, o “domo”, que permitiu uma cenografia de 360°. Também foram pintados painéis com 10 metros de altura que ficavam ao fundo da cena e eram trocados para caracterizar novos ambientes. O diretor Luiz Fernando Carvalho queria um espaço que não fosse a realidade em si, mas que constituísse a representação emocional de uma determinada realidade. Devido a esta concepção estética, o “domo” foi constituído para representar o mundo de Maria.

Segundo a cenógrafa e diretora de arte Linha Renha, citada por Ana Carolina Costa em seu artigo escrito para a revista *Luz e Cena*, este recurso cenográfico foi utilizado, pois:

“O caminho da Maria, que é o caminho da vida de todos que escolhem seus propósitos, vai pelo mundo, não fica trancafiado de maneira cartesiana. Quando vemos uma passagem, a enxergamos em 360°. Quando se entra dentro deste domo, se está dentro de um mundo recriado. Eu não conseguiria contar esta história como eu sinto fora de um círculo; não vemos o mundo com quinas”. (COSTA, 2005).

Esse tipo de inovação só foi possível, pois a microssérie é:

“um conjunto de obras de acabamento mais apurado e estrutura mais coesa e menos esquemática do que as obras ficcionais da TV. São freqüentes os momentos em que a minissérie pode se tornar um espaço para testar os limites do televisual e enfrentar o desafio de inovar a linguagem ou de ultrapassar as próprias servidões da linguagem televisual”. (BALOGH 2002: 127).

As minisséries e as microsséries não estão sujeitas à tirania dos índices de audiência como os demais formatos televisivos. O próprio horário no qual elas são transmitidas, pressupõe um público mais seletivo. No entanto, essa grade horária não se apresenta muito vantajosa, pois programas com altíssimo nível de qualidade, como são mostrados nas minisséries e as microsséries globais, deveriam ser exibidos em horários de maior alcance, de modo a proporcionar mais cultura à população brasileira.

“Creio que a minissérie seria uma fórmula positiva de levar a cultura ao nosso povo. É um formato novo; não tão novo, mas surgiu há pouco tempo, e possibilita não só ao autor, como também ao diretor e à produção, um produto mais bem-acabado, justamente por possuir número menor de capítulos e tempo maior para a sua realização”. (BALOGH 2002: 124).

A música

O professor da Escola de Música de Brasília, Eugênio Matos, afirma em sua apostila para o curso de “Música no cinema” que existem diversas formas de abordagens sobre as funções da música para os projetos audiovisuais. Ele as divide em três categorias:

1. Funções Físicas: nesta categoria a trilha enfatiza o que ocorre na cena ou ajuda a situar o público no tempo e no espaço em que ela ocorre.
2. Funções Psicológicas: este grupo de funções dá suporte ao enredo, ajudando a transmitir, acentuar, alterar, revelar ou mesmo encobrir nuances psicológicas de cada cena.
3. Funções técnicas: neste caso, a trilha auxilia na solução de problemas específicos da arte cinematográfica como continuidade e contraste.

Na primeira jornada de Maria, ela foge de casa em busca das “franjas do mar”. Nesta fase, tanto a música diegética, aquela que faz parte da realidade dos personagens, quanto a incidental ou não-diegética, a que acompanha ações e emoções e só é ouvida pelo espectador, foram compostas a partir de referências da música brasileira, principalmente a obra de Heitor Villa-Lobos. A trilha sonora foi constituída por obras de diversos compositores brasileiros, do popular ao erudito incluindo peças folclóricas. Foram compostas cerca de duas horas de música especialmente para a minissérie.

Na segunda jornada, Maria começa nas “franjas do mar” e em seguida é levada para a cidade, onde, enquanto tenta voltar para casa, se depara com a violência, a ganância e a guerra. Nessa fase, o universo musical ampliou-se e o canto ocupou um lugar preponderante, ora distante da ação, ora ilustrando-a, tendo muitas vezes a tarefa de contar a história.

Luiz Fernando Carvalho afirma que, na segunda jornada, queria avançar na linguagem televisiva ao mesmo tempo em que não queria repetir o que havia dito na primeira. Por isso, escreveu grande parte dos diálogos em forma de canções e deixou a cargo de Tim Rescala musicar esses diálogos. Carvalho acredita que a música, além de ser um elemento épico, pode alçar a narrativa e os diálogos a novos enunciados. Por isso, a música, nessa segunda jornada, foi da medieval ao rock, mantendo, sempre, características teatrais e brasileiras, guardando propriedades da narrativa ao caminhar de braços dados com o texto, criando vários universos sonoros de acordo com a caracterização dos cenários, da ação e dos personagens.

O figurino



<http://hojeediademariatemporada1.globo.com>

FIGURA 12 – FIGURINO DE PAPEL

O figurino da produção ficou por conta de Luciana Buarque com a participação de Jum Nakao. Edith Head (Costa, 2002) uma das mais premiadas e consagradas profissionais do ramo descreve que:

“O que um figurinista faz é a função é o cruzamento entre magia e camuflagem. Nós criamos a função de mudar os atores em algo que eles não são.”

As vestimentas feitas para a microssérie não foram apenas simples adornos. Elas também fizeram parte da narrativa.

O professor da UFRGS Francisco Araújo Costa em seu artigo “O figurino como elemento essencial na narrativa” (Costa, 2002) afirma:

“O figurino não pode ser visto independentemente de outros elementos de um filme: ele se insere em um contexto que inclui a cenografia, a maquiagem, a iluminação, a fotografia, a atuação. O figurino não é fonte única, mas auxiliar na definição dos elementos da narrativa. (...) as roupas de cada personagem, de um extra qualquer ao protagonista, são significantes dentro deste discurso. O vestuário significa o ponto do espaço-tempo em que a história se insere, marca passagens de tempo e também indica as características sócio-psicológicas dos personagens. Todas estas significações enriquecem a narrativa (...)”

Os figurinos da microssérie são repletos de enfeites, bordados, debruns, cores e texturas e a maioria dos materiais utilizados era reciclado como papéis, latas e madeira.

Nakao, em entrevista para o site Globo.com, afirmou que seu trabalho foi “uma crítica social às pessoas que vivem das aparências e não raciocinam sobre aquilo que elas assistem e lêem”.

Capítulo 04

As referências

Os gêneros literários

A classificação de obras por gêneros existe há milhares de anos, a começar pela literatura. Útil para alguns, restritiva para outros, sempre foi objeto de polêmica. No que diz respeito à definição do termo na própria linguagem crítica, o vocábulo “gênero” tanto se refere às grandes categorias da lírica, da narrativa, do drama, quanto às diferentes espécies englobadas nestas categorias: tragédia, comédia, romance etc. (AGUIAR e SILVA, 1969: 228).

As discussões de gênero em comunicação estão diretamente ligadas aos estudos dedicados a essa problemática no campo dos estudos literários, afinal é neste campo que os trabalhos mais se desenvolvem.

A classificação dos gêneros surgiu na Antiguidade Clássica com Platão e Aristóteles. Platão, no livro III da *República*, explica que na poesia e na prosa existem diversos tipos de obras poéticas: a imitação que é adequada aos gêneros tragédia e comédia; a narração utilizada nos ditirambos¹; e, a combinação das duas anteriores usada na epopéia e em outros gêneros.

Aristóteles, em seu livro *Arte Poética* enfatiza dois gêneros: o épico e o dramático. Porém, Rosenfeld (2004: 16) afirma que Aristóteles deixou subentendido um terceiro gênero em que os próprios personagens se manifestam.

Na perspectiva dos estudos de Comunicação, a relação entre gêneros, produção cultural, sociedade e meios de comunicação de massa fazem parte da chamada Teoria das Mediações que, segundo Borelli (1996: 187-188):

“(...) pressupõe a existência de uma modernidade ou de um contexto de modernização que se articula aos aspectos tradicionais, residuais e a tudo aquilo que se coloca como vivo, ativo e participante no interior da sociedade, situa o gênero como elemento de mediação na cadeia que une produtores, produtos e receptores culturais, e como elemento de

¹ do Lat. *dithyrambu* < Gr. *Dithyrambos*. Composição lírica que exprime entusiasmo ou delírio; hino em honra de Baco.

ligação entre duas lógicas, a do produto e a dos usos sociais, a dos sujeitos receptores. Nessa direção, os gêneros ficcionais são considerados grandes universalidades, pontos de intercessão nas relações entre literatura popular, erudita e de massa.”

Seguindo essa linha de análise, torna-se muito difícil de separar a narrativa de qualquer tipo de processo comunicacional, pois a narrativa tem o poder de: situar de maneira subjetiva ou objetiva o ser humano num mundo “real” ou “ficcional”; dar sentido aos problemas da humanidade; e, inserir a experiência humana na teia simbólica que permeia todas às relações humanas.

Para Mikhail Bakhtin (1981: 91), o gênero é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero.

Segundo Arlindo Machado (2000: 68), de todas as teorias de gêneros em circulação, a que parece mais adequada para o nosso tempo é a de Bakhtin, mesmo nunca tendo dirigido suas análises para o audiovisual, pois para ele, gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos suficientemente estratificados numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto as comunidades futuras.

A mitologia e as narrativas maravilhosas

O enredo da microssérie tem a mitologia (clássica e regional do Brasil) como um de seus temas básicos, trazendo mais sentido a produção.

Para Nely Novaes Coelho (2003,: 86) “a origem dos mitos perde-se no princípio dos tempos. São narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos falam de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações em que o sobrenatural domina. (...) O pensamento mítico nasceu como uma das primeiras manifestações do que seria mais tarde o pensamento religioso, isto é, a consciência do homem em face de um Princípio superior Absoluto, que o explica e justifica”.

Pesquisadores de mitos como Mircea Eliade (1994) e Joseph Campbell (1993) comprovam que o mito é um elemento afirmativo na formação da consciência.

Em “Hoje é dia de Maria”, as histórias, acontecimentos, e personagens têm origem em várias procedências, incluindo as narrativas fabulosas dos contos de fadas.

A personagem principal Maria é uma subversão das princesas passivas dos contos de fadas. A menina escapa da madrasta, enfrenta o diabo, diz não ao príncipe e se apaixona pelo pássaro. Porém, sua história se parece com há de muitos heróis universais.

A saga de Maria segue o que o mitólogo Joseph Campbell (2004) chama de “Jornada do Herói”: há uma partida; uma tarefa a ser realizada e um retorno. Dentro dessa jornada estão fragmentos de outras histórias, tais como: “A gata borralheira” ou “Cinderela”, conhecida em mais de 300 culturas. Conta a história de uma jovem que, com a morte da mãe e a ausência do pai, é explorada pela madrasta má.

Na microssérie, o papel da fada madrinha é dividido entre o mascate que fornece as vestimentas para Maria ir ao baile e a falecida mãe que volta como Nossa Senhora da Conceição para dar conselhos à menina.

Outra semelhança entre as história de Maria e de Cinderela é a existência de um baile para um príncipe encontrar a sua esposa. Ambas são escolhidas para dançar com o príncipe e fogem ao badalar das 24hs, deixando para trás um sapatinho. O sapatinho é a forma pela qual os príncipes reencontram suas amadas. Contudo, na história de Maria ao invés, de se casar com o príncipe e ser feliz para sempre, ela foge na hora do casamento.



Imagem retirada do DVD

FIGURA 13 – CINDERELA PERDE O SAPATO - DISNEY



<http://hojeediademariatemporada1.globo.com>

FIGURA 14 – PRÍNCIPE ACHA O SAPATO DE MARIA

“Pé de Zimbro”, de Philipp Otto Rung é outra história que conta a vida de um menino que é morto pela madrasta e transformado em ensopado. Depois tem seus ossos enterrados pela irmã junto ao pé de zimbro. Após a sua morte, o menino se transforma em ave e renasce como humano.

Na microssérie, a madrasta mata Maria ao apagar a velinha que a menina deixava acesa para a sua santinha. Maria também vira um elemento da natureza, um lindo e verde capinzal e, posteriormente, é ressuscitada por seu pai.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 15 – MARIA É RESSISSITADA PELO PAI

“Pele de Asno”, narra sobre uma princesa que foge disfarçada com uma pele de asno devido ao assédio do pai. Maria também sofreu o assédio de seu pai, motivando a fuga em busca das “franjas do mar”.



Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho - Edição Comentada - Lewis Carroll

FIGURA 16 – ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS – LEWIS CARROLL

“Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, conta as aventuras de uma menina no País das Maravilhas. Maria também vive sua saga e, tal qual Alice, encontra seres fantásticos que muitas vezes a ajudam, outras a atrapalham. A viagem de Alice é um sonho; assim também descobrimos ser a de Maria, um sonho misturado com alucinações que a jovem tem durante uma febre.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 17 – MARIA DOENTE

A andanças de Maria também estão relacionada com o “Mito do eterno retorno” (Mircea Eliade: 1992). A história começa com a menina em sua casa no meio do sertão. Ela sai em busca das “franjas do mar”, mas se perde no caminho e o destino a leva de volta para casa. Na segunda jornada, Maria está novamente perdida e ao ser engolida por um gigante, chega finalmente às “franjas do mar”. Ao chegar onde queria, Maria quer fazer o caminho reverso e voltar para a sua casa no sertão.

A chave também é um elemento fundamental para a história. Presente em diversos contos, a chave significa mudança, passagem de um estado para outro. Maria ganhou a pequena chave de sua mãe e desde então a manteve sempre consigo. No entanto, durante a sua jornada, a menina perde a chave e quem a encontra é Asmodeu.



<http://hojeediademariatemporada1.globo.com>

FIGURA 18 – “CHAVINHA” DE MARIA

A chave pode ser entendida como a infância de Maria. Ao encontrá-la, Asmodeu rouba a infância da menina e a transforma em uma mulher. Maria, adulta, recupera a chave, permitindo salvar seu Amado. Contudo, para se vingar, Asmodeu devolve a infância à Maria, atrapalhando o romance.

Os contos brasileiros

Câmara Cascudo (2000: 13) defende como características do conto popular a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência:

“É preciso que o conto seja velho na memória povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omisso nos nomes próprios, nas localizações geográficas e datas fixadoras no caso do tempo”.

Em seu livro “Contos Tradicionais do Brasil”, Cascudo dividiu seus cem contos em doze seções:

- Contos de encantamento;
- Contos de exemplo;
- Contos de animais;
- Facécias;
- Contos religiosos (contos que possuem intervenções divinas);
- Contos etiológicos (contos para explicar e dar razão de ser a um aspecto);
- Demônio logrado / contos ou disputas em versos nas quais o demônio intervêm, perde a aposta e é derrotado;
- Contos de adivinhação: nestes contos a vitória do herói depende da solução de uma adivinhação chamada enigma;
- Natureza denunciante: contos em que o ato criminoso é revelado pela denuncia de ramos, pedras, ossos, flores, frutas, aves e animais.
- Contos acumulativos: contos em que os episódios são sucessivamente articulados. Fases temáticas consecutivamente encadeadas.
- Ciclo da morte, a morte sempre vence, Engana o homem utilizando recursos da inteligência.

- Tradição: tradição nos contos populares é o que não constitui história nem lenda, mas se mantém nas narrativas tradicionais.

Percebe-se, na saga de Maria, a alusão a muitos dos contos populares do Brasil. A maioria deles colhidos por Câmara Cascudo e Sílvio Romero. Um exemplo é o do demônio logrado – Maria, para recuperar a sombra de seu amigo Zé Cangalha enfrenta Asmodeu com um trava-língua e o vence.

“ **Maria**

Arre, que tanto pedido
Desse demo capivara
Num tem quem cuspa pra cima
Que não lhe caia na cara...
Quem a paca cara compra
Pagará a paca cará...

Asmodeu

Menina, agora aprendi
Cantarei a paca já
Ocê pra mim é passarinho
No bico de um carcará...
Quem a paca... capa...paca
Papa...pa...ca...pacará” (CARVALHO 2005:121)

Além de se inspirar em contos e mitos, Luiz Fernando Carvalho resolveu narrar a história como se fosse um grande conto. A narradora (Laura Cardoso) não apenas narra, mas também interage com a história e com os espectadores. Exemplificando:

“Ai, ai, ai, que Maria comprô rixa com Asmodeu, o coisa-ruim. E esse num há de sossegá enquanto num embarçá com mil nó cego o caminho dela! Vai atentá o Pai, sovertê rumo, mudá essa história de água em vinho, tanto que... Mai é tarde, sem alarde o tempo vuô! Amanhã! Amanhã, quando fechá a luz do dia, de novo vai nasce a frô Maria, no jardim da nossa história... Inté!”. (CARVALHO, 2005)

A cultura popular

Outra temática que surge na microssérie é o folclore brasileiro.

A palavra folclore, antes grafada folk-lore é formada por velhas raízes saxônicas **folk** = povo e **lore** = saber. Segundo o Portal do Folclore brasileiro folcloré é:

“(...)um conjunto de mitos, crenças, histórias populares, lendas, tradições e costumes que são transmitidos de geração em geração, que fazem parte da cultura.”

Carvalho tenta resgata-lo dando espaço para manifestações da cultura branca, negra e indígena. Fizeram parte da microssérie: a Folia de reis, festa conhecida em todo Brasil e muito comum nas cidades do interior, representada no casamento da madrasta com o pai de Maria. No cortejo da festa, há um grupo com belos trajes, segurando estandartes, declamando versos, cantando e dançando. Para realizar a gravação, foi convidado o Reisado Flor do Oriente, que possui mais de 130 anos de tradição passadas de pai para filho.

Também foram convidados índios da tribo Xavante para fazer a cena em que Maria liberta a noite que estava presa em um coco. O coco é uma variação do mito antigo do “ovo cósmico” e remete a significação do renascimento, renovação e criação cíclica. A troca do ovo pelo coco foi feita para dar uma característica nacional, afinal, o coqueiro semióticamente traz a imagem de brasilidade.



Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas. São Paulo: Globo, 2006.

FIGURA 19 – ÍNDIOS XAVANTE

A festa de São José. Presente no Brasil inteiro, principalmente nas cidades do interior. Em “Hoje é dia de Maria”, a festa está sendo celebrada quando Maria chega ao vilarejo e encontra Zé Cangalha.



<http://hojeediademariatemporada1.globo.com>

FIGURA 20 – UMBIGADA PAULISTA

A Umbigada Paulista ou samba rural também, se faz presente na microssérie. Ela acontece em contraponto ao baile e ao casamento realizados nos salões do castelo. Enquanto os brancos comemoram nos salões, os negros comemoram nos jardins.

A linguagem verbal

“Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida”. (Mikhail Bakhtin)

Claudia Lukianchuki em seu artigo “Dialogismo: a linguagem verbal como exercício social” afirma:

“A palavra é a mediadora entre o social e o individual. Ao aprender a falar, o ser humano também aprende a pensar, na medida em que cada palavra é a revelação das experiências e valores de sua cultura. Desse ponto de vista, tem-se que o verbal influencia nosso modo de percepção da realidade. Portanto, cabe a cada um assumir a palavra como manutenção dos valores dados ou como intervenção no mundo.”

Para complementar e situar a microssérie, Luiz Fernando Carvalho faz uso da linguagem verbal. Uma linguagem cheia de jargões, expressões e dialetos que remetem ao campo semântico dos sertões do Brasil. Um exemplo desta linguagem é percebido na fala de Maria:

“Num deve sê curpa dele não, minha Santa Venerada. É que ele é ansim de lua, de rompante de brabeza... A inhora guarde ele com seu manto, me guarde tamém. E guarde a mãezinha adonde ela ta. Diz pra ela que a farta é muita e que a sodade é tanta... e com essa chavinha eu hei de encontrar meu tesouro que se esconde em argum dos caminho das franja do mar”. (CARVALHO, 2005:15)

Os artistas foram treinados por Íris Gomes para conseguir alcançar a simplicidade da palavra vinda do sertão do Brasil.

A ciência que estuda a linguagem verbal é a lingüística. Pode-se dizer que a linguagem é manifestação sensível e externa da representação interna. Portanto, temos, aqui, a função expressiva.

A intertextualidade

Voltaire, um dos poucos pensadores franceses do século XVIII partidários de uma concepção relativista da história humana, afirmava que os sentidos de uma palavra variam de acordo com a aplicação em determinado ramo do conhecimento humano. No caso deste estudo, a cultura pode ser concebida como uma rede de relações entre diferentes textos que a compõe. Esse sincretismo pode ocorrer numa única área de conhecimento ou abranger um conjunto mais amplo. Essa relação pode ser sincrônica, com textos presentes no mesmo momento histórico, ou diacrônica, com textos de diferentes momentos da evolução histórica da arte que conservem similaridades.

Izidoro Blikstein afirma que:

“(...) o discurso, seja qual for, nunca é totalmente autônomo. Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação “filológico-semiótica” para recuperar a significação profunda dessa polifonia”.

Com frequência, a intertextualidade é utilizada na televisão. “(...) além de incorporarem relações tradicionais entre textos, citações, paródias, decalques, adaptações etc... estão evoluindo no sentido de abocanhar um gênero inteiro ou até mais (...)” (BALOGH: 2000:141).

As relações intertextuais fazem parte da cultura de todos os tempos. Para Balogh (2002: 140), o conceito de artisticidade tradicional, centrado na obra única e original

está sendo colocado em cheque. Estamos numa era de reciclagem. Somos seres antropofágicos. Engolimos, incorporamos e readaptamos.

Atualmente, a intertextualidade é veloz, voraz e muito mais abarcadora do que no passado. Mas, para o autor utilizar bem a intertextualidade foi necessário um amplo trabalho de pesquisa para obter o conhecimento de diversas séries culturais distintas. Luiz Fernando Carvalho juntamente com Carlos Alberto Soffredinni e Luiz Alberto de Abreu conseguiram fazer um ótimo uso do que se denomina intertextualidade. Alguns exemplos dessa intertextualidade são:

- A luta entre Maria, o Bem – o Belo, o Divino e o mundo das idéias, e, Asmodeu, o Mal - o demoníaco, o mundo das sombras. A idéia de dualidade existe desde que o mundo é mundo. Existente desde a Bíblia, passando por Platão entre outros.
- Os cenários e personagens da Primeira jornada são inspirados na obra do pintor Candido Portinari.
- As produções plásticas, a música, o circo, as danças, as festas, que fazem parte da cultura popular brasileira não são apenas adornos, mas sim formas de narrativas verbais usadas para elucidar a história de Maria.
- O romance entre Maria e Amado acontece como no mito Eros e Psiquê. A metamorfose de homem para pássaro representa o amor da noite sem direito de acontecer durante o dia. Significa a separação de corpo e alma entre os amantes.
- A temática da jornada de Maria, também está presente no imaginário coletivo. Como relato mais conhecido podemos citar a Odisséia, de Homero, que foi atualizado em Ulisses de James Joyce. Além disso, percebe-se que a microssérie incide na figura de uma jovem menina em sua jornada. Já explorado na literatura, cinema e televisão, com “Alice no país das maravilhas”, “O mágico de Oz”, entre outras histórias.
- O bordel de Cartola, presente na Segunda jornada, remete à França em sua Belle Époque e às pinturas de Toulouse Lautrec.

Estas foram apenas algumas das inspirações utilizadas para construir a narrativa de Maria. Com elas Carvalho conseguiu criar uma intertextualidade discursiva entre o popular e erudito ao mesmo tempo em que reforçou a atualidade destas temáticas.

Capítulo 05

Considerações finais

O propósito do presente ensaio foi o de explicar alguns pontos de vista sobre a microssérie “Hoje é dia de Maria”, ressaltando as principais formas utilizadas pelo autor para inovar a linguagem televisiva brasileira por intermédio da intertextualidade.

As microsséries são formatos televisivos que possuem liberdade criativa e, por isso, são frequentemente empregadas para testar os limites do televisual.

A relação entre textos faz parte da cultura de todos os tempos.

Luiz Fernando Carvalho conseguiu criar uma simbiose entre a cultura popular brasileira e a cultura popular universal, fazendo proveito de diversos tipos de narrativa.

Este trabalho buscou apresentar alguns dos tipos de narrativas utilizadas na minissérie. Portanto, foi necessária a pesquisa do folclore brasileiro, dos contos populares nacionais e dos contos maravilhosos universais.

Pode-se verificar a criação de uma nova linguagem ficcional que fez uso de diversos tipos de discursos que foram do popular ao erudito. Apresentou uma nova forma de se recriar a narrativa televisiva, fazendo uso da intertextualidade.

O campo de estudo aberto pela produção de Carvalho foi de uma extensão sem fim. Seria de muita ousadia e arrogância a pretensão de explorar todas as possibilidades e nuances permitida por Hoje é dia de Maria. Os focos das diferentes luzes interdisciplinares são imensuráveis.

Algumas limitações se impuseram. Primeiro, a experiência da ensaísta no mundo da televisão é insignificante. Segundo, o aprofundamento envolveria opiniões de diversos especialistas, delongados e acalorados debates e conclusões ramificadas nas inúmeras linhas de pensamentos sobre o assunto. Por fim, a tentativa de uma

interpretação preliminar não poderia ser exaustiva, até porque o projeto foi limitado no tempo e no espaço publicável.

Portanto, o estudo não foi esgotado. As pesquisas sobre “Hoje é dia de Maria” poderão e deverão ser ampliadas, haja vista a gama de possibilidades a descoberto.

Existem outras produções que também seguem a mesma tendência inovadora, por exemplo: a microssérie A Pedra do Reino do mesmo autor.

Estudos futuros poderão diversificar os campos de pesquisa, estendendo-se a semiótica, a estética, etc. Sem, contudo, abandonar a intertextualidade.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ARISTÓTELES & HORÁCIO & LONGINO. *A poética clássica*. Tradução. Jaime Bruna. 6ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. 3ª. Ed. São Paulo: Hucitec/Editora da UNESP, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

BALOGH, Anna Maria. *O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002 (acadêmica; 44)

BORELLI, Sílvia H. S. *Ação, suspense, emoção. Literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC/Estação Liberdade, 1996.

CARVALHO, Luiz Fernando et al. *Hoje é dia de Maria*. Baseado na obra de SOFFREDINI, Carlos Alberto. São Paulo: Globo, 2005.

CARVALHO, Luiz Fernando et al. *Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas*. Baseado na obra de SOFFREDINI, Carlos Alberto. São Paulo: Globo, 2006.

CARVALHO, Luiz Fernando Carvalho. *Hoje é dia de Maria*. Produção de Rede Globo. Rio de Janeiro. Globo Marcas DVD e Som Livre: 2006. 3 DVDs.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 8ª.Ed. São Paulo: Global, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. 9ª. Ed. São Paulo: Global, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Conto de Fadas: símbolos, mitos e arquétipos*. São Paulo: 2003.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Tradução de José A. Ceschin, São Paulo: Mercuryo, 1992.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. – 5ª. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. BARROS, Diana Luz Pessoa de. (organizadores *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bahktin* - 2ª Ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2003.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 3ª. Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*.- 2ªEd. Bauru – SP: EDUSC, 2002.

PELLEGRINI, Tânia et al. (Org.). *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Senac; Itaú Cultural, 2003.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Editora Best Seller, 2002.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

ROMERO, Sílvio. *Contos Populares do Brasil*. 1ª.Ed. São Paulo: Landy, 2001.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. 4ª. Ed. São Paulo: Perspectiva., 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

Artigos e textos disponibilizados na internet

COSTA, Francisco Araújo da. *O Figurino como elemento essencial da narrativa*. Sessões do Imaginário. nº 8. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/775/586> acesso em: 05.08.2007

Dicionário Online Priberam, 2007. Disponível em: <http://www.priberam.pt> acesso em: 19.10.2007.

FONSECA,R.*Prólogo para uma fábula*.In:Jornal do Brasil,13.01.05
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com>.

LUKIANCHUKI, Claudia. *Dialogismo: a linguagem verbal como exercício social*. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/claudia2.html> acesso em: 05.08.2007.

Hoje é dia de Maria. Primeira jornada.Site Oficial da Rede Globo
<http://hojeediademariatemporada1.globo.com/>, capturado em 05.08.07

MATOS, Eugênio. Curso: *A música no cinema*. <http://www.eugeniomatos.mus.br> capturado em 07.08.05

NAGAGAWA, Fábio Sadao. *A televisão e os mecanismos semióticos de transcrição: uma análise da microssérie "Hoje é dia de Maria"*.

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18209/1/R0687-1.pdf>

capturado em 05.08.07

NAKAO, Jum. *Entrevista com Jum Nakao*. Site Oficial da Rede Globo

<http://redeglobo.globo.com/Hojeediademaria/0,23178,4118-p-203889,00.html> capturado

em 05.08.07

PAIVA, Cláudio Cardoso. *Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie Hoje é dia de Maria, Mídia e cultura no tempo das artes tecnológicas (televisão, cinema e DVD)*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-epifania-do-sublime.pdf> capturado em 05.08.07

SANTOS, V. *Carvalho invoca a cultura popular em microssérie*. In: FSP, 09.01.05

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ASP021>

VIDAL, Maly C.B. e MARQUES, Jane. *Porque Hoje é dia de Maria, todos os dias são de Maria*. <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18123/1/R1362-1.pdf> capturado em 05.08.07.